



SOBRE ÉTHOS E ESTILO: (RE)CONSTRUÍDO A IMAGEM DO HOMILIASTA FREI FRANCISCANO

Cássia Lacerda Soares¹

Resumo: Encarando o estilo como efeito de sentido que constitui o *éthos*, produzido no e pelo discurso, reconhecido pelo fazer interpretativo de um enunciatório, também implicado como sujeito da enunciação, no presente trabalho, propõe-se apresentar os traços da construção do caráter do sacerdote homilista franciscano, apontando a sua individualidade e o estatuto veridictório da enunciação dos comentários da homilia proferidos por esses ministros ordenados dentro do contexto dos discursos religiosos. Esta proposta se ampara, em especial, no desenvolvimento da noção semiótica de estilo com a operacionalização da noção de *éthos* proposta por Discini (2004). Como totalidade discursiva, elege-se trechos de comentários homiléticos proferidos por freis capuchinhos, pertencentes à Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, localizada em Campo Grande/MS, durante as celebrações do Tempo da Páscoa, no ano de 2019. Por meio do olhar analítico e linguístico a respeito da apreensão de um possível *éthos* e estilo do homilista seguidor de São Francisco de Assis, espera-se verificar como esse enunciatador religioso coloca-se como responsável pelos valores do seu discurso, levando o seu enunciatório a crer e a fazer, a partir do comentário da homilia.

Palavras-chave: *Éthos*. Estilo. Semiótica. Discurso religioso. Franciscano.

ABOUT ÉTHOS AND STYLE: (RE)BUILDING THE IMAGE OF THE FRANCISCAN FRIAR HOMILIASTA

Abstract: Facing style as an effect of meaning that constitutes the *éthos*, produced in and by speech, recognized for the interpretive work of an enunciate, also implicated as the subject of the enunciation, in the present work, it is proposed to present the characteristics of the construction of the franciscan friar homilista, pointing out their individuality and the veridictory status of the enunciation of the homily comments given by these ordained ministers within the context of religious speeches. This proposal is supported, in particular, in the development of the semiotic notion of style with the application of the notion of *éthos* proposed by Discini (2004). About discursive totality, excerpts from homiletical comments made by capuchin friars are elected belonging to the Parish of Nossa Senhora of Fátima, localized in Campo Grande/MS, during Easter Time celebrations, in the year of 2019. Through an analytical and linguistic look at the apprehension of a possible *éthos* and style to homilista follower of São Francisco de Assis, hope to see how this religious enunciator places himself as responsible for the values of his speech, taking your enunciatory to believe and do, from the homily commentary.

Keywords: *Éthos*. Style. Semiotic. Religious speech. Franciscan.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. Bolsista CAPES. ORCID ID: 0000-0001-8590-0929.

Introdução

Reconhecendo o estilo como um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *éthos*, este trabalho propõe apresentar alguns traços da construção do caráter do sacerdote homiliasta franciscano, apontando a sua individualidade e o estatuto veridictório da enunciação dos comentários da homilia proferidos por esses ministros ordenados dentro da esfera dos discursos religiosos, a partir de um recorte dos resultados obtidos em Soares (2020).

O desenvolvimento deste estudo, ampara-se, em especial, na noção semiótica de estilo com a operacionalização da noção de *éthos* proposta por Discini (2004). Segundo a estudiosa, o vínculo entre as noções de estilo e *éthos* permite que se examine uma totalidade de enunciados, que resulta no efeito de identidade.

Nessa direção, como totalidade discursiva, elegem-se trechos² do comentário da homilia proferidos por freis capuchinhos, pertencentes à Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, localizada em Campo Grande/MS, durante as celebrações do Tempo da Páscoa, no ano de 2019.

Nessa proposta, o comentário da homilia, objeto de estudo pouco explorado, é compreendido como um discurso que, ao situar-se dentro do contexto das celebrações católicas e ser proferido por um ministro ordenado, pode ser tomado como uma espécie de conversa de caráter proximal, como um comentário querigmático que exige do homiliasta, aquele que a profere, uma cuidadosa exegese e hermenêutica dos textos bíblicos. Adotando a perspectiva do semioticista e teólogo Panier (1986), a homilia integra um conjunto de discursos, os quais são compreendidos como uma espécie de comentário, um discurso segundo, produzido a partir de um primeiro discurso que tem como fundamento a narrativa bíblica. Esses discursos de interpretação buscam, de um lado, transmitir um saber que pretende a verdade e, assim, exigem um fazer persuasivo ou comunicativo e, de outro lado, procuram interpretar o texto de base requerendo, desse modo, um fazer interpretativo.

Diante dessas considerações iniciais, nos tópicos seguintes, busca-se apresentar alguns traços que marcam a imagem e o discurso do enunciador homiliasta franciscano, sujeito dotado de um *saber-fazer* e de um *fazer-crer*.

² Estes comentários homiláticos pertencem ao *corpus* da pesquisa de Mestrado – **Fé e sentido: enunciação e *éthos* no discurso da homilia de freis franciscanos** – que foi desenvolvida pela autora deste artigo.

Sobre éthos e estilo

A imagem do homiliasta frei franciscano

Ao retomar os conceitos de *éthos* e de estilo, aprofundando-os a partir das contribuições da semiótica tensiva, Discini (2015, p. 23) define *éthos* como uma "imagem de quem diz dada por um modo sistematizado de dizer, depreensível de uma totalidade de enunciados, que se vincula à concretização discursiva de um estilo". Por meio dessa totalidade, considerando as marcas enunciativas, constitui-se o corpo do ator da enunciação, e do efeito da unidade depreensível dos textos, configura-se o estilo.

Como ponto de partida para depreensão de um *éthos*, segundo Discini, a partir dos postulados de Viggo Brøndal (1984), é importante manter a noção de estilo atrelada à noção de unidade, *unus*, e à de totalidade, *totus*. Por meio do *unus* e do *totus*, é possível verificar que, no estilo, o todo está nas partes, ou seja, ao se tratar do estilo, recorre-se à unidade, ao efeito de individualização, bem como à totalidade, uma vez que há um conjunto de discursos, pressupostos à unidade.

Sob essa perspectiva, pelo estilo, podem ser descritos traços que marcam a individualidade do enunciador, e seu *éthos* se mostra por meio de seus investimentos estilísticos. Assim como o *éthos*, o estilo é o modo de dizer, pelo qual se estabelecem identidades, instituindo-se efeitos de individualidade.

Ao ter como parâmetro de estilo a totalidade de homilias proferidas por franciscanos da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos, depreende-se a imagem de um sujeito de compaixão que busca, sobretudo, defender e difundir as bases de uma vida em irmandade, acolhendo a todos sem distinção, como fizera São Francisco de Assis.

Marcados por um caráter equilibrado e harmonioso disposto a lidar com situações diversas e adversas, o homiliasta frei franciscano revela constantemente o seu desejo de paz associado à ação do bem e constrói, em função disso, um *éthos* pacificador e missionário, conforme verifica-se no trecho do comentário da homilia a seguir:

E1: (...) é a única paróquia que tem a pastoral da AIDS no estado do Mato Grosso do Sul... então venha com a gente nós estamos aqui e queremos incentivar para que continue nos pequenos gestos renovar a consciência desse grande problema que continua... mesmo que não se fala não desista:... os jovens acham que podem tudo que não tem mais esse problema... as pessoas de mais idade também acham que não tem mais problemas e acabam se infectando por esse vírus... consciência e

oração... continuemos sempre firmes e perseverantes para sempre renovar a lembrança desse mal que tirou muitas vidas... (LINHAS 63-70). (5º Domingo da Páscoa).

A partir desse exemplo, o homilista franciscano reafirma seu caráter acolhedor e comprometido com os serviços de ajuda ao próximo, construindo, em função disso, um *éthos* conhecedor da universalidade do amor de Cristo. Altruísta e ativo em suas ações, a partir dos comentários da homilia franciscana, depreende-se a imagem de um ser responsável por garantir a vivência e a prática do mandamento do amor, considerado a marca mais significativa da vivência cristã:

E3: (...) a carTEIra de identidade a marca é... justamente o amor:: aos irmãos... somente o AMOR um para com outro revelará o verdadeiro agir:: cristão... se nós de fato estamos agindo como cristãos... o revelamos na ocorrência de nosso testemunho... (LINHAS 25-28). (5º Domingo da Páscoa).

E3: (...) este amor... supõe a entrega total... em serviço... em doação à Deus e ao próximo... principalmente aos mais necessitados... (LINHAS 3-4). (5º Domingo da Páscoa).

Dotados por um caráter fraternal, os religiosos franciscanos, em seus comentários homiléticos, deixam revelar, sobretudo, um *éthos* atualizador das promessas de Cristo no aqui e no agora da comunidade. Esta imagem é construída por meio da presentificação das ações pretéritas dos enunciados bíblicos. Tal processo ocorre a partir do mecanismo de embreagem temporal (FIORIN, 2016), o qual promove uma neutralização em torno das projeções da temporalidade no interior do enunciado da homilia e cria, no comentário franciscano, um efeito de atualização do *agora*:

E1: (...) Jesus **envia** o Espírito Santo... o defensor::... no grego vai dizer que é o paRÁclito:: o paráclito é aquele que cuida que é o nosso guia... Jesus **deixa** o Espírito Santo como o motor promotor da igreja (LINHAS 4-6) [...] ele **pede** que os discípulos guarde a SUA PaLAvra::... guardar a sua Palavra no sentido de ter... sempre em mente... e colocar em prática:: ... (LINHAS 9-11). (6º Domingo da Páscoa).

Com uma linguagem fácil e com um estilo simplista de se apresentar diante de seus enunciatários, o homilista franciscano constrói uma imagem de um ser que busca proximidade com seu ouvinte, que não se coloca em posição superior e, acima de tudo, pretende atualizar o valor da narrativa bíblica. Observa-se que o caráter de proximidade com seu ouvinte se apresenta com maior intensidade e isso se manifesta, de modo particular, no emprego da forma de tratamento irmão/irmão, um dos principais modos de

se constituir o vocativo apresentado nos comentários, bem como nas incidências da pluralização das pessoas marcada pelo uso do *nós inclusivo* (FIORIN, 2016):

E2: Irmãos e irmãs nesse sexto domingo pascal... **somos** chamados a dar um passo a mais na/no aprofundamento da nossa fé no ressuscitado... (LINHAS 1-2). (6º Domingo da Páscoa).

E2: (...) nós cristãos... colocamos Cristo e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de deus o NOSSO ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a salvação... portanto é nos testemunhos de seus discípulos... que Jesus continua a SER... o BOM pastor. (LINHAS 60-63). (4º Domingo da Páscoa).

A partir da totalidade discursiva dos comentários da homilia dos enunciadores franciscanos, em síntese, constata-se a projeção de um *éthos* cuja voz fala em defesa do acolhimento, da fraternidade e da doação ao próximo. Como efeito e sentido de uma totalidade enunciada, permite pensar na imagem de *éthos* que pretende defender e difundir as bases de uma vida em irmandade, acolhendo a todos sem distinção. Nessa direção, no próximo tópico, aborda-se, de forma breve, a relação de veridicção estabelecida pelo *éthos* do homilista franciscano dentro do contexto da celebração litúrgica do tempo pascal.

O ser e o parecer ser verdadeiro

Na busca por uma possível identidade do homilista seguidor do carisma de São Francisco, torna-se relevante refletir sobre o estatuto veridictório do discurso desse religioso, a fim de analisar os recursos que contribuem para a construção da verdade do seu fazer-interpretativo e, sobretudo, da sua identidade.

No contexto do conjunto de enunciados proferidos no Tempo Pascal, observa-se que o fazer-interpretativo dos freis franciscanos mobiliza os seus enunciatários à medida que, ao comentar a narrativa de Cristo ressuscitado, qualifica Jesus como o principal objeto da fé cristã, como aquele que se faz presente a todo tempo e que não abandonará a humanidade em nenhum momento.

Nessa percepção sobre o parecer ser verdadeiro discursivo, os homilistas franciscanos determinam a veridicção do seu enunciado, sobretudo, por meio dos investimentos temáticos e figurativos de seus comentários, os quais parecem reafirmar e materializar a realidade e os valores sobre o Mistério da Ressurreição propugnados pela axiologia religiosa católica.

Ao interpretar o enunciado bíblico que tomam por objeto, os enunciadores franciscanos buscam transmitir um *saber* que se pretende verdadeiro para alcançar a aceitação de seus ouvintes. Verifica-se que, em alguns comentários, o processo de construção da veridicção acontece com a enunciação de verdades eternas, calcadas no texto e na tradição bíblica, recorrendo ao emprego do presente omnitemporal, a fim de se ressaltar a perpetuação dos ideais cristãos:

E2: (...) Deus é Pai (LINHAS 9-10) [...]“eu sou o caminho a verdade e a vida... eu sou a luz e quem me segue não andarás nas trevas” (LINHAS 18-19) [...] “se vosso fardo está pesado demais eu vos aliviarei” (LINHA 24) [...] “eis que estou convosco em todos os dias até os fins dos tempos” ... (LINHAS 56-57). (1º Domingo da Páscoa).

E1: (...) “eu sou o alfa e o ômega” que são a primeira e a última letra do alfabeto grego... “eu sou o primeiro e o último o alfa e o ômega”... (LINHAS 61-62). (2ª Domingo da Páscoa).

Nesse processo de simulacro da verdade, nota-se também a presença de várias ocorrências do discurso direto inserindo-se no enunciado, procedimento que parece criar um efeito de realidade e realizar uma justificação daquilo que se manifesta no comentário da homilia, concedendo maior credibilidade ao saber dos enunciados franciscanos, conforme se verifica nos fragmentos seguintes:

E1: (...) ele repetiu “a paz esteja com vocês e eu vos envio para missão” (LINHAS 17-18) [...] ele vai dizer “o bom Pai me enviou assim eu também os envio” (LINHAS 20-21) [...] e Jesus vai dizer “você acreditou porque viu feliz ou bem-aventurados aqueles que acreditaram sem ter visto”.... (LINHAS 44-45). (2º Domingo da Páscoa).

A performance e a competência do sujeito homiliasta franciscano é mobilizada, em especial, pela exploração de seu *saber* sobre a teologia e a vivência cristã, que se apresenta nos momentos de explicação dos contextos litúrgicos e nas exposições sobre o significado de termos recorrentes nos enunciados bíblicos:

E2: (...) Pentecostes... era a festa judaica que celebrava/que era celebrada cinquenta:: dias depois da Páscoa:: também era chamada de festa das semanas ou festa das colheitas::... marcava o início:: da colheita... e era celebrada SETE semanas após a colheita do primeiro feixe... de trigo de cevada... sete semana depois da colheita do primeiro feixe (LINHAS 6-10) [...] isso aos primeiros dias da semana depois os cristãos deram o nome de dies dominica isto é DIA do senhor... a palavra domingo quer dizer dia do senhor... (LINHAS 15-17). (8º Domingo da Páscoa).

Ao analisar o *éthos* do enunciador homilista franciscano, na qualidade de ator da enunciação, ele se constitui como um sujeito que busca, por um lado, levar os fiéis ouvintes a *querer-fazer* a missão proposta por Cristo e, por outro, conceder a eles as modalizações cognitivas necessárias para tanto.

No campo sensível, nota-se que o enunciador franciscano estrutura seu comentário pela organização dos elementos da realidade dos ouvintes e, desse modo, direciona-os rumo à percepção da universalidade do pastoreio de Cristo, do fazer-memória cristão e da atualização do anúncio do Evangelho e da fé no seio da comunidade celebrativa:

E2: (...) colocamos Cristo e ele é NOSSO messias o NOSSO enviado de deus o NOSSO ungido de Deus aquele que veio e morreu na cruz para nos trazer a sal-va-ção... portanto é nos testemunhos de seus discípulos... que Jesus continua a SER... o BOM pastor e continua a SER... anunciado a TODOS os povos... JESUS o BOM pastor conDUZ as ovelhas para Deus... e esse pastoreio é feito HOJE por toda igreja Jesus transmitiu isso para toda igreja... (LINHAS 60-65). (4º Domingo da Páscoa).

As noções de modo de presença relativas ao enunciador homilista franciscano levantam a questão da modulação tensiva do espaço, o qual é ocupado pelo corpo sensível desse sujeito religioso durante a enunciação da homilia. A partir das evidências das marcas enunciativas da totalidade discursiva em análise, é possível inferir que o corpo actorial do enunciador franciscano, no momento da homilia, se movimenta sob o parâmetro da tonicidade da proximidade com seus ouvintes. Isto ocorre no momento em que os freis, no interior da igreja, deixam o presbitério, espaço de sacralidade, e seguem em direção aos fiéis dispostos na nave, ambiente mais amplo do templo e com menor sacralidade, e lá promovem uma espécie de diálogo com a assembleia, conforme se pode verificar no fragmento a seguir:

E1: L1: (...) todos os domingos nós vamos/temos o encontro marcado às oito e meia aonde?...

L2: Na missa...

L1: Na comunidade?

L2: Santíssima Trindade... (LINHAS 54-58). (6º Domingo da Páscoa).

Potencializando esse caráter de não-distanciamento, o sacerdote franciscano intensifica a veracidade de seu discurso, transmitindo a imagem de um ser dotado de *saber* e competente para instruir e incentivar os fiéis ouvintes a atualizarem o Mistério da

Ressurreição e a seguirem os parâmetros da prática religiosa católica. Na medida em que procura estabelecer uma relação com os enunciatários, apresenta um *éthos* dotado de um *saber-fazer* e de um *fazer-crer* que parece envolver certa confiança entre enunciador e enunciatário.

Conclusão

A partir das considerações apontadas neste estudo, buscou-se depreender alguns traços que integram uma possível construção do *éthos* do homiliasta franciscano, dentro do cenário religioso da Igreja Católica.

Reconhecendo que os domínios da prática religiosa são amplos e complexos, de forma modesta, a partir do exame da totalidade discursiva analisada, identificou-se a construção de um *éthos* de um homem de vivências que deixa transparecer um estilo fraternal e caridoso. Marcado pelo traço da igualdade, não é um ser que pretende colocar-se em posição superior aos demais membros da comunidade, mas busca primar pela igualdade e pelo respeito a todos.

Por meio de um discurso simplista e afetuoso, o ser homiliasta frei franciscano é constituído por um corpo sensível que deseja compartilhar com o seu enunciatário um mesmo espaço e suas experiências de vida. Em função disso, depreende-se a imagem de um sujeito fraternal, dotado de convicções, de exortações ético-religiosas e, principalmente, convicto do Mistério da Ressurreição, confiante na redenção, no amor universal de Deus e atuante na disseminação de uma Igreja ecumênica.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Ethos e estilo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 33-54.

_____. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2018.

PANIER, Louis. O discurso de interpretação no comentário bíblico. In: GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986.

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo, FFLCH/USP: Humanitas, 2010.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes/FFB, 2014.